

CONCEITOS DE AMOR EM *AMORIS LAETITIA*: ESPECIFICAÇÃO DA NOÇÃO DE UNIVERSO DE DISCURSO

Clemilton LOPES PINHEIRO¹ , José Rubens PEREIRA² 

Article history: Received 13 July 2025; Revised 1 October 2025; Accepted 9 October 2025;
Available online 30 March 2026; Available print 30 April 2026.

©2026 Studia UBB Philologia. Published by Babeş-Bolyai University.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License

ABSTRACT. *Concepts of Love in the Exhortation Amoris Laetitia: Specification of the Concept of Universe of Discourse.* In this paper, we aim to revisit the concept of universe of discourse as proposed by Eugenio Coseriu, considering its specification and scope. To that end, we focus on the theme of love, the central topic addressed in the Apostolic Exhortation *Amoris Laetitia*, published by Pope Francis in 2016. This study seeks to identify the concepts of love presented in the Exhortation and to contextualize them across different universes of discourse. We first propose textual procedures based on which we identify the universes of discourse, drawing on principles introduced by Coseriu himself. Then, we identify various concepts of love: patient, compassionate, servile, fair, amiable, balanced, indulgent, genuine, devoted, hopeful, and resilient. Ultimately, we show that the universe of discourse of faith predominates in determining the validity of these concepts, given the nature of the text type (Apostolic Exhortation) and the field of knowledge to which it is linked (religious). However, common experience and science (philosophical, legal, psychological, and genetic knowledge) are also universes of discourse that contextualize those concepts. The result points to the proposal of an analytical tool for the universe of discourse, which may complement Coseriu's framework.

¹ **Clemilton LOPES PINHEIRO** é doutor em Letras, área de Filologia e Linguística Portuguesa. Realizou estágios de pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa (Portugal), na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3 (França) e na Universidade de Tübingen (Alemanha). É professor de Linguística na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Interessa-se pelos estudos de texto/discurso e de história das ideias linguísticas. E-mail: clemilton.pinheiro@ufrn.br

² **José Rubens PEREIRA** é estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduado em Letras Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Interessa-se pelos estudos de Linguística Textual e Análise do Discurso. E-mail: rubens.pereira.017@ufrn.edu.br

Keywords: *Coserian linguistics, surrounding fields, meaning, religious discourse, text, universe of discourse*

REZUMAT. Conceptele iubirii în Exortăția Amoris Laetitia: specificarea conceptului de univers de discurs. În această lucrare, ne propunem să reluăm conceptul de univers de discurs, așa cum a fost propus de Eugenio Coseriu, luând în considerare specificarea și sfera sa de aplicare. În acest scop, ne concentrăm asupra temei iubirii, subiectul central abordat în Exortăția Apostolică *Amoris Laetitia*, publicată de Papa Francisc în 2016. Studiul urmărește să identifice, în cadrul exortăției, conceptele de iubire și să le contextualizeze în diferite universuri ale discursului. Mai întâi, propunem proceduri textuale pe baza cărora identificăm universurile discursului, inspirându-ne din principiile formulate chiar de Coseriu. Apoi, identificăm diverse ipostaze ale iubirii: răbdătoare, compasivă, altruistă, dreaptă, amabilă, echilibrată, indulgentă, autentică, plină de încredere, plină de speranță și rezilientă. În cele din urmă, demonstrăm că universul discursului religios (al credinței) predomină în determinarea valabilității acestor concepte, având în vedere natura tipului de text (Exortăție Apostolică) și domeniul de cunoaștere căruia îi aparține (religios). Cu toate acestea, experiența comună și știința (cunoștințele filosofice, juridice, psihologice și genetice) sunt, de asemenea, universuri ale discursului care contextualizează aceste concepte. Rezultatul indică o propunere de instrument analitic pentru universul discursului, care poate completa cadrul teoretic al lui Coseriu.

Cuvinte-cheie: *lingvistică coseriană, contexte, sens, discurs religios, text, univers de discurs*

Considerações iniciais

Uma das muitas questões que estão na base das ideias de Eugenio Coseriu sobre a linguagem é o fato de que o conteúdo (o sentido) de um enunciado não corresponde necessariamente à sua expressão, assim como não corresponde sempre ao que se compreende, o que de fato é dito não carrega necessariamente o que o falar significa. Para responder a essa questão, Coseriu constata que não há discurso sem circunstância (sem um entorno). Desse modo, ele propõe a noção de entorno como as circunstâncias que orientam o discurso, seja para a atribuição de sentido, seja para a determinação do valor de verdade dos enunciados.

Um dos tipos de entornos são os universos de discursos (UD), que compreendem quatro tipos: o universo da experiência comum, o universo da ciência e da técnica científica, o universo da fantasia e da arte e o universo da fé. Assim como ocorre com muitas outras proposições teóricas de Coseriu, na

esteira do que atestam outros pesquisadores, reconhecemos que é possível aprofundar teoricamente a noção de UD assim como propor um desenho analítico com o qual se possa operar em textos concretos.

Inspirados no trabalho de Pascalău (2010), que põe em foco as relações entre os UD da fé, da ciência e da filosofia e o conceito de Deus, chegamos à Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* (EAP-AL), texto produzido pelo Papa Francisco, tornado público em 2016. Como o principal tema desse texto é o amor, tal qual retratado no título (*Amoris Laetitia* - A alegria do Amor), pensamos em explorar o conceito de amor e sua relação com os UD. Supomos, por razões óbvias, que o UD da fé é o marco essencial dos conceitos teológicos adotados pela Igreja Católica Romana, firmado no cânone da Bíblia Sagrada. Entretanto, como a Igreja tem redesenhado seus fundamentos, processo evidenciado no Concílio Vaticano II³ (Mendes, 2012), é possível que haja um movimento de saída desse UD e que outros UD passem a circunstanciar seus conceitos. Tendo essa possibilidade em mente na busca de especificações, acabamos por revisitar a própria noção de UD em algum grau.

A concepção coseriana de universo de discurso

A noção de UD compõe uma perspectiva mais ampla proposta inicialmente por Coseriu no célebre trabalho intitulado “Determinación y entorno” (Coseriu, 1967) para dar conta das circunstâncias do falar (o que constitui a teoria dos entornos). O UD é, portanto, um tipo de entorno, definido como “o sistema universal de significações a que pertence um discurso (ou um enunciado)”⁴ (Coseriu 1967, 318).

A fim de elucidar tal noção, Coseriu (1967, 318) propõe o seguinte exemplo.

O valor de verdade de uma afirmação acerca de “Ulisses” não se verifica na história grega, mas na Odisseia, e na tradição correspondente, onde “Ulisses é o marido de Penélope” é uma proposição verdadeira, enquanto “Ulisses era o marido de Helena” é falsa; e as afirmações acerca dos

³ O Concílio Vaticano II foi uma assembleia ecumênica da Igreja Católica Romana convocada pelo Papa João XXIII e realizada entre os anos de 1962 e 1965, no Vaticano, em Roma. Um dos eventos mais significativos na história da Igreja Católica Romana do século XX, o principal objetivo do Concílio era renovar e atualizar a vida da Igreja para enfrentar os desafios e as oportunidades do mundo moderno.

⁴ El sistema universal de significaciones al que pertenece un discurso (o un enunciado) y que determina su validez y su sentido.

“centauros” são verificáveis na mitologia, onde a proposição “o centauro era um sacrifício de cem touros” é falsa, enquanto “o centauro era um ser metade homem e metade cavalo é verdadeira”.⁵

Ainda que Coseriu não apresente uma lista de tipos de UD, é perceptível que os enunciados têm funcionamentos distintos e, portanto, são regulados por UD específicos. Não se pode, por exemplo, verificar a validade do enunciado “um ser metade homem, metade cavalo” com base em fatos da história, dado que não há registros ou estudos científicos que comprovem a existência de um ser que é metade homem, metade cavalo. A verdade ou falsidade desse enunciado é objetivada pelo universo a que pertence, ou seja, o conhecimento da mitologia grega (Coseriu 1967).

Coseriu (1967) se reporta à crítica feita pelos lógicos positivistas a esse entendimento com base no argumento de que não existe outro mundo além do natural e conhecido empiricamente. Consequentemente, o enunciado “um ser metade homem e metade cavalo” seria falso, já que não pode ser verificado no mundo natural. Como contra-argumento, Coseriu declara o seguinte:

Não há mais de um mundo, é certo, mas as críticas aludidas, longe de invalidar o conceito de universo de discurso, revelam uma radical incompreensão do problema. Não se trata de outros “universos”, de outros “mundo de coisas”, mas de outros “universos de discurso”, de outros sistemas de significações (Coseriu 1967, 319).⁶

De fato, de acordo com a perspectiva de que não existem outros mundos naturais perceptíveis, mas outros universos de significações, o que determina o sentido e a validade de um discurso não é a sua verificabilidade científica ou empírica, mas o sistema de significados que o rege. Pode-se afirmar, por exemplo, que Ulisses é o marido de Penélope na obra da *Iliada* e se reconhecer que essa proposição é verdadeira, considerando os UD que circunstanciam a narrativa. Negar tal afirmação implicaria em uma perda de credibilidade, pois a história

⁵ El valor de verdad de una afirmación acerca de ‘Ulises’ no se verifica en la historia griega, sino en la *Odisea*, y en la tradición correspondiente, donde *Ulises era el marido de Penélope* es una proposición verdadera, mientras que *Ulises era el marido de Helena* es falsa; y las afirmaciones acerca de los ‘centauros’ son verificables en la mitología, donde la proposición *el centauro era un sacrificio de cien toros* es falsa, mientras que *el centauro era un ser mitad hombre y mitad caballo* es verdadera.

⁶ No hay más que *un* mundo, es cierto; pero las críticas aludidas, lejos de invalidar el concepto de ‘universo de discurso’, revelan una radical incompreensión del problema. No se trata de otros ‘universos’, de otros ‘mundos de cosas’, sino de otros ‘universos de *discurso*’, de otros *sistemas de significaciones*.

da *Ilíada* constitui-se como uma abstração ficcional, cuja veracidade deve ser compreendida no âmbito da tradição literária e simbólica que a sustenta e não nos domínios da ciência ou do mundo empírico.

O quadro sobre os entornos é retomado na obra “Textlinguistik. Eine Einführung” (Coseriu 1980) e “Lingüística del texto” (Coseriu 2007) com outro propósito, no contexto da discussão sobre o funcionamento do signo linguístico no texto. Nessa perspectiva, os entornos são mobilizados para dar conta dos diferentes tipos de relações do signo que explicam seu funcionamento textual. Para Coseriu (1980; 2007), o texto só pode significar e ser interpretado fora do que ele diz, para além da materialidade linguística, graças às atividades expressivas complementares, que são atividades não-verbais, entre as quais se encontram, principalmente, os entornos.

Seguindo a mesma linha de raciocínio anterior, Coseriu mantém a ideia de condição de verdade que os UD carregam: “os valores de verdade se estabelecem essencialmente dentro do universo de discurso a que pertence cada proposição”⁷ (Coseriu 2007, 106). Nesse trabalho, é igualmente retomada a definição de UD como um “sistema universal de significações a que pertence o discurso (ou um enunciado) e que determina sua validade e seu sentido”⁸ (Coseriu 2007, 100). Todavia, ele acrescenta que “os universos de discurso não são ‘mundos’, mas sistemas de significações aos quais se poderia dar o nome – já um pouco conotado – de ‘concepções de mundo’”⁹ (Coseriu 2007, 106).

Quando argumenta que UD não são mundos, Coseriu (2007) está igualmente refutando as críticas que buscam deslegitimar essa perspectiva com base na defesa de que só existe um mundo real e cognoscível. Mais uma vez, Coseriu concorda com essa premissa, porém sinaliza que a sua perspectiva se mantém válida, na medida em que os UD se referem a concepções de mundo específicas de cada sistema de significações e não de outros mundos reconhecidos. Acreditar que só existe uma concepção de mundo é reduzir todo pensamento a um único mundo real, em outros termos, ao mundo empiricamente cognoscível. Coseriu defende que “toda forma de interpretação do mundo, isto é, toda modalidade coerente de falar sobre o mundo representa um sistema dessa classe”¹⁰ (Coseriu 2007, 105). Esses sistemas, com efeito, representam concepções de mundo variadas.

⁷ Os valores de verdad [...] se establecen esencialmente dentro del universo de discurso al que pertenece cada proposición [...].”

⁸ Sistema universal de significaciones al que pertenece un discurso (o un enunciado) y que determina su validez y su sentido.

⁹ Los universos de discurso no son ‘mundos’, sino sistemas de significaciones, algo a lo que podría darse el nombre – ya un poco connotado – de ‘concepciones del mundo’.

¹⁰ Toda forma de interpretación del mundo, esto es, toda modalidad coherente de hablar sobre el mundo representa un sistema de esta clase.

Além dessa discussão, Coseriu (2007) acrescenta que existem tipos de UD, apesar de não especificar quantos e quais são esses tipos: “o universo de discurso é, no entanto, distinto segundo se fale no marco da mitologia, da ciência ou da história” (Coseriu 2007, 42)¹¹. A história, a mitologia e a ciência se assentam ou formam UD particulares.

O tema do UD é novamente tratado por Coseriu no trabalho “Orationis fundamenta. La plegaria como texto” (Coseriu 2003), tradução póstuma de uma comunicação feita no “Congresso Intenzdzionale Orationis Millennium”, que ocorreu em Aquila no ano 2000. Nesse trabalho, Coseriu faz um detalhamento teórico sobre a noção de UD, que ele afirma ter amadurecida. Esse amadurecimento passa pelo estabelecimento de uma distinção entre UD e mundos do conhecimento: “os universos de discurso referem-se às modalidades do conhecimento; entretanto, os ‘mundos’ correspondem aos ‘objetos’ do conhecer e do saber” (Coseriu 2003, 16). Além dessa distinção, são apresentados 4 tipos de UD (experiência comum, ciência, fantasia e fé) e 3 tipos de mundo do conhecimento (necessidade e causalidade, liberdade e finalidade e fé).

O contato do ser humano com o mundo gera conhecimento, e a linguagem funciona como meio fundamental para significar e expressar essa realidade. A linguagem é um dos meios pelos quais a realidade é significada e expressa e torna-se conhecimento no contato do ser humano com o mundo. Esse conhecimento constitui diferentes âmbitos do saber que, a partir de processos internos, autônomos e subjetivos, desdobram-se em distintos modos de significação. Para Coseriu, os diferentes âmbitos correspondem a mundos do conhecimento, e os modos de significação são os UD.

Nesse sentido, os UD funcionam como formas de sistematização dos conhecimentos que se originam nos distintos âmbitos do conhecer, expressando modos autônomos de conhecimento. O mundo do conhecimento da necessidade e da causalidade configuram o modo de significação do UD das experiências comuns; o mundo da liberdade e da finalidade, no UD da ciência e da fantasia/arte; e o mundo da fé, ao UD da fé. Além disso, os UD organizam-se de acordo com sua natureza constitutiva: a empiria (UD das experiências comuns), a livre expressão humana (liberdade/finalidade, ciência, fantasia/arte), e subjetivação teológica (fé) (Coseriu 2003).

Cada um dos UD apresenta uma objetividade própria que caracteriza a sua natureza:

A objetividade do universo de discurso empírico é a que se dá pela experiência corrente; a objetividade da ciência é a que se estabelece a cada vez na investigação científica; a objetividade própria do universo

¹¹ El universo de discurso es, sin embargo, distinto según se hable en el marco de la mitología, de la ciencia o de la historia.

poético é a do mundo que se cria pela fantasia; e a objetividade específica do universo da fé é a objetividade do mundo próprio da fé (que não nega nem exclui os outros tipos de objetividade nos âmbitos correspondentes) (Coseriu 2003, 18).¹²

Podemos ilustrar esse raciocínio considerando a concepção do “perdão” no seguinte enunciado que compõe um texto religioso: “O perdão pressupõe a experiência de já ter sido perdoado por Deus, justificado gratuitamente, e não pelos nossos méritos”. A ideia de que o perdão decorre do amor que o cristão, consciente de sua condição pecaminosa, experimenta com Deus só pode ser validada no âmbito do UD da fé, isto é, no sistema de significação em que o mundo e a humanidade são concebidos como obras de um ser divino. Essa concepção não se sustenta no UD da ciência, cujo princípio de objetivação exige metodologias empíricas e verificáveis. Como a existência de deus não pode ser comprovada por métodos empíricos no mundo natural, não é possível afirmar, nesse âmbito, que o ato de perdoar dependa da experiência do perdão divino.

Os universos de discurso e os conceitos de amor

A EAP-AL é um documento de 118 páginas, composto por 9 capítulos. Tendo em vista nosso interesse nos conceitos de amor, fizemos um primeiro recorte e nos debruçamos sobre o capítulo IV (O amor no matrimônio), porque como diz o próprio Papa Francisco, trata-se de um dos capítulos centrais dedicados ao amor. Nesse capítulo, operamos um segundo recorte e chegamos a 19 porções textuais em que se estabelecem pontualmente diferentes conceitos de amor. Nesses recortes, com base em relações léxico-semânticas, identificamos os conceitos de amor e aplicamos uma expressão delimitadora para nomear esses conceitos. No trecho 1, por exemplo, a reiteração do termo “paciência” nos permitiu identificar e nomear “amor paciente” como um conceito de amor.

1

[...] não se deixa levar pelos impulsos interiores e evita agredir. A paciência é uma qualidade do Deus da Aliança, que convida a imitá-lo também na vida familiar. [...]. A paciência de Deus é exercício da misericórdia de Deus para com o pecador e manifesta o verdadeiro poder (EAP-AL, 91-2).

¹² La objetividad del universo de discurso empírico es la que se da por la experiencia corriente; la objetividad de la ciencia es la que se establece cada vez en la investigación científica; la objetividad propia del universo poético es la del mundo que se crea por la fantasía; y la objetividad específica del universo de la fe es la objetividad del mundo propio de la fe (que ni niega ni excluye los otros tipos de objetividad en los ámbitos que les corresponden).

Para a identificação dos UD, utilizamos um conjunto de seis operações linguísticas as quais desenvolvemos com base em Coseriu (1979): (a) nomeação, (b) realização, (c) delimitação, (d) quantificação, (e) situação e (f) associação. A operação de nomeação identifica entes ou objetos denotados e atua como agentes ou participantes, que são expressos por nomes, grupos nominais, substitutos de nome ou grupos nominais. A realização identifica os processos ou as ações realizadas pelos entes ou os objetos denotados. A delimitação é a operação por meio da qual se destaca ou se acentua uma característica inerente ao ente ou ao objeto denotado. A quantificação opera o estabelecimento de uma quantidade ou intensidade dos objetos denotados, podendo ser definida ou indefinida. A situação é a operação mediante a qual os entes denotados se vinculam e se localizam em relação às circunstâncias enunciativas (pessoa, espaço, tempo). Por fim, a associação opera os diferentes tipos de conexão entre enunciados que se organizam em torno dos entes ou objetos.

Ainda tomando como exemplo o trecho 1, podemos identificar que o ente “Deus” se conecta ao ente “aliança” por meio da operação de associação (expressa por “da”), que indica posse, ou seja, o Deus que possui uma aliança. Ao longo da Bíblia, vários tipos de aliança são narrados, como a que Deus firmou com Noé e a que Moisés, a encargo desse mesmo Deus, estabeleceu com Israel. Contudo, a maior de todas as alianças é a firmada com o derramamento do sangue de Jesus para fins de salvação dos cristãos. A operação de realização (marcada por “é exercida”) indica que o ente “paciência” é realizado em virtude do ente “misericórdia”. Em outras palavras, a paciência é uma qualidade do Deus da aliança, que perdoa os seres humanos, apesar de suas falhas e limitações (os pecados). Com base nessas operações, temos uma base material para a identificação de um mundo de conhecimento específico ao qual está atrelado um sistema de significação, ou seja, o UD da fé.

Por outro lado, o ente “vida familiar” denota uma perspectiva genuína de família, não abstrata, um núcleo em que se compartilha comportamentos mundanos, ou seja, uma realidade factual. Na EAP-AL, Francisco não trata de relacionamentos ideais. Nesse caso, é mobilizado um mundo de conhecimento atrelado ao UD das experiências comuns. O valor de verdade do conceito de amor paciente está circunscrito no elo estabelecido entre a realidade do comportamento humano (UD das experiências comuns) e a expressão da misericórdia divina (UD da fé).

Portanto, tomando como base as relações léxico-semânticas, nos trechos recortados da EAP-AL, identificamos um total de 11 conceitos: (1) amor paciente, (2) amor compassivo, (3) amor servil, (4) amor justo, (5) amor amável, (6) amor equilibrado, (7) amor indulgente, (8) amor genuíno, (9) amor confiante, (10) amor esperançoso e (11) amor resiliente. Os onze conceitos de amor são

validados pelos UD da fé, da experiência comum e da ciência. No caso do UD da ciência, operamos uma subdivisão com base no domínio do conhecimento: filosófico, jurídico, psicológico, genético. O quadro 1 resume essa relação.

Quadro 1. Conceitos de amor e UD

Conceitos de amor	Universos de discurso
(1) amor paciente	UD da fé/UD da experiência comum
(2) amor compassivo	UD da fé/UD da experiência comum
(3) amor servil	UD da ciência (subtipo filosófico)
(4) amor justo	UD da ciência (subtipo jurídico)
(5) amor amável	UD da fé/UD da experiência comum
(6) amor equilibrado	UD da fé/UD da experiência comum/UD da ciência (subtipo psicológico)
(7) amor indulgente	UD da fé/UD da experiência comum
(8) amor genuíno	UD da fé
(9) amor confiante	UD da experiência comum/UD da ciência (subtipo genético)
(10) amor esperançoso	UD da fé/UD da experiência comum
(11) amor resiliente	UD da fé/UD da experiência comum

Conforme se constata no quadro 1, o UD da fé é dominante. Trata-se, de fato, de uma constatação previsível dada a natureza do texto (Exortação apostólica) e do campo do conhecimento ao qual está vinculado (discurso religioso). O discurso de Francisco é sobremaneira circunstanciado pelo UD da fé em virtude de seu ofício como profeta de Deus e chefe máximo da Igreja Católica Apostólica Romana, que, como tal, atende aos dogmas e aos princípios que regem a instituição de que faz parte, com base no cânone central da fé cristã, a Bíblia sagrada.

Dada a prevalência do UD da Fé, podemos pensar em propor uma expansão da caracterização desse UD tal como feita por Coseriu. O autor reconhece que o UD da fé tem como princípio a relação assimétrica de subjetivação do homem a uma divindade. Isso diz respeito ao processo pelo qual um indivíduo internaliza, assimila e se submete aos valores, às crenças e às normas associados a uma divindade ou a uma entidade religiosa. A subjetivação do homem a uma divindade é parte fundamental da identidade cristã e da sua experiência espiritual. A fé subjacente a esse princípio molda suas atitudes, seus comportamentos e suas perspectivas sobre o mundo, conferindo-lhe um sentido de propósito, de pertencimento.

O UD da fé sobre o qual falamos aqui é particular ao documento religioso papal (a EAP-AL), circunscrito ao domínio da religião Católica Apostólica Romana. A perspectiva de mundo do UD da fé que se desdobra nesse contexto possui, é claro, suas particularidades, que, certamente, se diferem, por exemplo, da perspectiva de mundo de outra religião, como o Islamismo, o Protestantismo, o Candomblé, por exemplo.

Com base no que aponta Coseriu (2003), já dissemos que os UD são maneiras de conhecer o mundo, que funcionam como lentes que atuam na construção de conceitos. Cada conceito é, por conseguinte, validado na medida em que se troca a lente, mas essa troca de lente (o tipo de UD) se mostrou um processo complexo que envolve a intersecção e a justaposição entre UD. No caso do (1) Amor paciente, por exemplo, demonstramos a intersecção entre o UD da fé e o UD da experiência comum na validação desse conceito. Já o conceito (6) Amor equilibrado tem sua validação operada na intersecção da fé e da experiência comum, que, por sua vez, se justapõe ao UD da ciência (subtipo psicológico).

O conceito de amor equilibrado foi identificado no trecho 2, com base nas relações semânticas e lexicais em torno de expressão “evitar dar prioridade”.

2

Como se diz muitas vezes, para amar os outros, é preciso primeiro amar-se a si mesmo. [...] deve evitar de dar prioridade ao amor a si mesmo, como se fosse mais nobre do que o dom de si aos outros. Uma certa prioridade do amor a si mesmo só se pode entender como condição psicológica, pois uma pessoa que seja incapaz de se amar a si mesma sente dificuldade em amar os outros [...] (EAP-AL, 82).

Operações como a de associação estabelecida pelo “como”, a de realização, estabelecida por “se diz”, e a de quantificação, estabelecida por “muitas vezes”, apontam para o conhecimento repercutido popularmente de que o amor aos outros só é possível quando primeiro se ama a si próprio. Trata-se de um conhecimento relacionado a crenças compartilhadas por uma determinada cultura ou sociedade, que congrega percepções e opiniões amplamente aceitas e aplicadas no dia a dia (sem necessariamente se basear em conhecimento científico ou análise crítica), segundo o qual o amor a si mesmo é uma condição para o cultivo do amor ao outro. Esse mundo de conhecimento específico configura o UD das experiências comuns.

Por outro lado, as operações de nomeação (denotação do ente “dom”), de realização (“deve evitar”) e delimitação (“nobre” atribuído ao ente amor) estabelece princípios da identidade do cristão católico (o princípio segundo o qual é mais importante considerar o bem-estar dos outros do que o de si mesmo, por exemplo). Nesse caso, estabelece-se um outro mundo de conhecimento, configurando um distinto sistema de significação: o da fé.

Igualmente, outras operações (associação, expressa por “como”, nomeação, expressa por “condição”, e delimitação, expressa “psicológica”) desenharam uma terceira circunstância do discurso, em que se mobiliza um outro mundo de conhecimento e, conseqüentemente, outro UD, no caso, o da ciência (subtipo psicológico). Nesse sistema de significação, reconhece-se uma condição –

mental ou emocional – experimentada por uma pessoa, que afeta seu estado psicológico. No entanto, o UD da ciência não está em intersecção com os UD da fé e da experiência comum, mas se justapõe a essa intersecção.

Assim, o conceito de amor equilibrado é validado na intersecção de dois UD (o das experiências comuns e o da fé) e na justaposição do UD da ciência – subtipo psicológico. Se for considerado somente o UD da fé na validação desse conceito, é impossível a admissão do amor-próprio contrariamente ao interesse do amor aos outros, uma vez que os princípios da valoração e da subjetivação do homem à divindade são essenciais e intransponíveis nesse modo de conhecer o mundo. Nessa lógica, há uma nuance de perspectiva de mundo que perpassa os três UD na qual o amor-próprio é essencial (UD das experiências comuns), mas não é prioridade em detrimento do amor ao próximo (UD da fé), ao mesmo tempo que é condição psicológica, pois a incapacidade de amar a si interfere na capacidade de amar o outro (UD da ciência psicológica).

Essa análise demonstra que não é possível a relação entre UD da fé e UD da ciência. Nos conceitos em que o UD da fé e o UD da ciência entram como sistemas de significação, o UD da experiência comum atua como uma espécie de mediador para que a validação do conceito seja operada pelos três UD e, assim, configura-se um certo modo de funcionamento: o UD da ciência se aproxima do UD da experiência comum no que se refere ao aprofundamento e a testagem do conhecimento adquirido pela empiria, e se afasta do UD da fé, pois não há como se associar a causalidade do mundo da ciência à subjetivação do homem a uma divindade, princípio do UD da fé. Os modos de conhecer e de organizar o mundo dos UD da ciência e da fé são tão díspares que, para haver uma justaposição de valores e de princípios do modo de conhecer, é preciso que exista um outro tipo de UD no entremeio (o UD da experiência comum). Isso ocorre, por exemplo, com os conceitos amor equilibrado e amor confiante.

Como forma de conhecer, baseada no método sistemático de investigação, na experimentação e na análise de evidências empíricas, a ciência se concentra na compreensão natural do mundo e na explicação dos fenômenos observáveis, por meio de leis naturais. Enquanto a ciência busca explicar o "como" e o "porquê" dos fenômenos, a fé pode fornecer respostas para questões relacionadas ao propósito, ao significado ou à moralidade da existência humana, subjetivada a uma figura divina. Embora a ciência não negue a existência de uma divindade, também não a confirma. A existência de divindades continua sendo uma questão pessoal, que não pode ser investigada sistematicamente e empiricamente, portanto, não passível de intersecção com a visão de mundo da ciência.

Ao contrário da intersecção entre ciência e fé, a intersecção entre ciência e experiência comum é factível. A ciência questiona a experiência comum e oferece explicações alternativas para fenômenos que são percebidos de forma

diferente pela empiria assistemática. A ciência com seus diferentes métodos contribui para *insights* mais precisos do que a simples percepção humana direta. Por exemplo, a experiência comum pode sugerir que a Terra é plana, pois parece plana quando olhamos ao nosso redor. No entanto, a ciência nega essa visão com base em evidências científicas, como observações astronômicas, experimentos físicos e cálculos matemáticos.

Considerações finais

A tarefa que empreendemos, ao tomar a noção de UD para operar a análise de um texto concreto, pareceu-nos um movimento de especificação dessa noção – um dos nossos propósitos com este trabalho. Como dissemos, a noção de UD é apenas um aspecto que compõe uma outra noção, mais geral, a de entorno, proposta por Coseriu para explicar as condições de produção do falar. No entanto, isoladamente, os UD podem ser mobilizados para finalidades mais específicas e pontuais, como é o caso da explicação que empreendemos sobre a validade dos conceitos de amor na EAP-AL, um documento histórico no contexto do catolicismo apostólico romano.

Ao explicarmos a validade dos conceitos de amor na EAP-AL, indicamos direcionamentos acerca da maneira como a Igreja Católica tem redesenhado seus fundamentos, sugerindo a possibilidade de um movimento que permita o circunstanciamento desses conceitos em modos de conhecimento distintos, não restritos exclusivamente ao da fé. Trata-se também de uma perspectiva mais ampla de abertura para a utilização de categorias postuladas pelos estudos da linguagem para a reflexão de temas mais gerais da vida em sociedade.

A identificação dos UD se apresentou como um limite para a análise, pois não há na obra do próprio Coseriu, nem na obra de seus seguidores interessados no tema, alguma proposição a esse respeito. Para dar conta desse limite, propomos as sete operações – nomeação, realização, delimitação, quantificação, situação e associação –, por meio das quais foi possível operar uma identificação mais objetiva dos UD. Trata-se de uma especificação do ponto de vista teórico, que podemos agregar à noção de UD. Certamente, o procedimento de identificação dos UD, pela via de operações, pode ser refinado.

Igualmente, do ponto de vista teórico, agregamos outra especificação. O desenho proposto por Coseriu prevê quatro tipos de UD: experiência comum, ciência, fantasia e fé. Para dar conta da particularidade do texto que analisamos, surgiu a necessidade de propor subtipos para o UD da ciência, considerando a diversidade do conhecimento científico: o filosófico, o jurídico, o psicológico, o genético (nos trechos analisados). Da mesma forma, a ideia de criação de

subtipos dentro de cada UD pode ser desenvolvida. Pensamos, por exemplo, que o UD da fé pode incorporar subtipos em função das perspectivas de fé das diferentes religiões.

Nossa análise também revelou que o processo de validação dos conceitos circunstanciados por diferentes UD é complexo, pois os UD não constituem circunstâncias isoladas; enquanto mundos de significação vinculados a mundos de conhecimento, mantêm entre si diversos tipos de relações. Parece haver, por exemplo, uma intersecção mais fácil entre o UD da fé e o UD da experiência comum, em razão da possibilidade cambiável de visão de mundo entre esses UD, ao passo que uma intersecção entre o da fé e o da ciência é bem menos provável, dada a impossibilidade de conexão direta entre os dois modos de significar e conhecer. Estabelece-se também, nesse caso, outro ponto que merece desdobramento. Há de se pensar sobre o domínio do texto (que não seja o religioso) e os processos de validação de conceitos nos diferentes UD. No caso da EAP-AL, não ocorre nenhum conceito de amor validado pelo UD da fantasia, logo, se abre a perspectiva de pensar sobre o vínculo entre esse UD e os demais.

Para concluir, assinalamos que a tarefa de refletir sobre os conceitos de amor EAP-AL, em última instância, é parte do nosso intento de ecoar os princípios da proposta de Coseriu e abrir caminhos metodológicos à sua aplicação em fatos de linguagem diversos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Coseriu, Eugenio. 1967. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Editoria Gredos.
- Coseriu, Eugenio. 1980. *Textlinguistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- Coseriu, Eugenio. 2007. *Lingüística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido*. Edición, anotación y estudio previo de Óscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros.
- Coseriu, Eugenio. 2003. "Orationis fundamenta. La plegaria como texto". *RIELCE*, 19 (1): 1-25.
- Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia*. Sobre o amor na família. 2016. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.
- Mendes, V. H. 2012. "Vaticano II: A modernidade da Igreja em um contexto de mudanças." *Encontros Teológicos*, 27 (62): 139-163.
- Pascalão, C. 2010. "El concepto de Dios y sus expansiones en el discurso filosófico y científico." *Philologica Urcitana* 3: 71-93.